

Pulsão é virtude que faz acontecer o ser, sem jamais ser

Ivan Guilherme Hamouche Abreu
Maria Izabel Tafuri

O conceito freudiano de pulsão ressalta os seus matizes quando confrontado com a clínica psicanalítica das crianças autistas. A noção de Lust, que desse conceito deriva, é enfocada para tratar das origens arcaicas da sexualidade infantil e de sua repercussão no aparelho psíquico. São apresentadas vinhetas da clínica com essas crianças para enfocar, por um lado, o enstimesmamento autístico como uma exaltação da atividade pulsional em si, ressaltando o brotar da excitação e o foco voltado à atividade, em detrimento das qualidades dos objetos; e, por outro, o sentido disposicional e impelente, a vontade, o desejo, o móvel ao encontro do objeto de satisfação. Em torno desses casos comenta-se a hipótese central de instalação da pulsão sexual, valendo-se para isso da observação paradigmática de Freud da vida sensível de um bebê, onde se constata a repetição rítmica, sem fins nutritivos, que se estende pelas peças, dobras e mucosas do corpo erógeno, e que até pode avançar para o corpo contíguo, a um só tempo indistinto e alheio, integrando uma geografia sensual, contínua em seus diferentes relevos. Os autores concluem pela importância de qualificar a dimensão estética que repousa nos signos da vida autística e que tem fundamento no acontecer da trama psíquica.

Palavras-chave: Autismo, pulsão, sexualidade infantil, aparelho psíquico

A indicação de que o homem está determinado, ou melhor, torna-se indeterminado pela ação de uma força que nasce no interior de si mesmo e o impele ao encontro de seu destino parece inaugurar mais uma vertente original do pensamento de Freud. Trata-se da confecção do conceito de *pulsão*, essa força que se extravasa pressionando até a abertura das veias da condução psíquica, que são as rotas da sua realização. Veias errantes, de linhas insondáveis e criativas, que não lembram mais o sangue a correr segundo ritmos biológicos demonstráveis e previsíveis, pois, nessa versão, abrem-se à ininterrupta pulsação que leva à formação das tramas da vida psíquica representacional do homem. Transcrevemos, para maior clareza, parte da definição de Freud (1905) encontrada nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica (p. 159).

Um dos aspectos da definição de Freud, que mais chama atenção, refere-se à hipótese de que a pulsão, *em si mesma, não possui qualidade alguma*. Mas, por ser uma força ininterrupta pressiona o psíquico, o põe em movimento e o faz trabalhar, sem que, para tanto, se faça necessária sua materialização, redução a um objeto, precisão de um local. A pulsão é virtude que faz acontecer *o ser*, sem jamais ser.

A concepção freudiana do aparelho psíquico tem sua base na representação psíquica. Por outro lado, alguns conceitos de Freud, tais como *pulsão e Lust*, abrem uma fenda entre o representável e o irrepresentável. Assim, nos ateremos inicialmente ao conceito de pulsão para posteriormente tratar do conceito de *Lust*.

Com o conceito de *pulsão*, que passa a utilizar de forma mais sistemática a partir dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) concebe uma força constante que nasce das excitações internas ao corpo próprio do sujeito (zonas erógenas), e que pressiona a fim de obter a sua satisfação. Mas a pulsão, para alcançar a sua satisfação, faz marcas no psíquico, ou melhor, deve se inscrever no psíquico através dos seus representantes. Essa representação faz a função de uma *procuradora* que no registro psíquico defende os interesses da pulsão. Outrossim, pela pressão

que exerce, como já afirmado acima, traz a exigência de um trabalho para realizar a passagem do registro somático ao psíquico.

Com efeito, se por um lado a pulsão está impedida de realizar sua descarga imediatamente, posto que o psíquico se constitui como mediador para a descarga pretendida, o que impõe recorrer a caminhos substitutivos, criando diferentes vias e operações psíquicas até os objetos de satisfação; por outro, é a efetividade dessa restrição que inscreve o sujeito no universo da cultura.

Freud concebe um homem revestido por um corpo pulsional que investe contra a cultura e se traumatiza, dando origem a um aparelho psíquico cindido e conflituoso, que nasce no seio dessa antinomia, do que decorre a dimensão da *tragicidade* içada à condição de sua marca indelével. Contudo, se quisermos aprofundar essa dimensão dramática da vida pulsional, quem sabe pudéssemos cogitar a hipótese da pulsão estar representada no psíquico, mas nem sempre ser representável. Essas dificuldades foram percebidas por Freud quando, em diferentes momentos de sua obra, buscava clarificar essa construção tão complexa e central de sua metapsicologia, e que para o presente estudo se reveste com igual importância. Assim é que, já numa fase avançada de sua obra, considera a questão nos seguintes termos:

A teoria dos instintos é, por assim dizer nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. (Freud, 1933, p. 98)

Pois sim, no mais das vezes não estamos aptos a compreender a danação humana envolta na força, na organização, na disposição que move o sujeito ao encontro de certos sentidos que o fazem descrever percursos insólitos, às vezes, radicais, tantos outros, bem sucedidos, mas essencialmente, que trazem o traço indelével de uma memória para a qual estamos sempre despreparados e surpresos com o seu desenrolar.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) estabelece, em certa altura do texto, uma discussão sobre as aberrações sexuais – abuso sexual contra crianças, cópula com animais –, isso para constatar a ampla variação do objeto da pulsão sexual. Mostra, como resultado, que “a índole e o valor do objeto sexual passam para segundo plano. O essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa” (p. 141). Nesse ponto, abre o autor uma nota de rodapé, que, à primeira vista, supomos quase desprezível, para comentar diferenças, no desenrolar da civilização, na adesão do homem à pulsão sexual e ao objeto sexual.

A diferença mais marcante entre a vida amorosa da Antiguidade e a nossa decerto reside em que os antigos punham a ênfase na própria pulsão sexual, ao

passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto. (Freud, 1905, p. 141)

Ainda que esse comentário de Freud possa conter algo de enigmático, não deixa de suscitar interessantes associações com as questões reveladas pela clínica psicanalítica com a criança que manifesta sintomas autísticos. Se tomarmos a problemática autista, veremos que em muitos casos a criança cola suas vivências de satisfação à mobilização pulsional. É no fruir incessante dessa força que ela encontra o oásis tranquilizador para as angústias ameaçadoras do mundo externo.

Em vez de consultar ‘o manual prático do autismo’, preferimos seguir o critério trazido à luz por Freud na discussão do conceito de pulsão. Para tanto, examinaremos o extrato de um caso clínico que se reveste de interesse, nesse ponto em que Freud afirma que *alguma outra coisa* pode ter fundamento no trâmite da pulsão, que não se situe exatamente no objeto que ela visa.

Num tratamento de irmãos gêmeos diagnosticados autistas, encontramos certas posições, apresentadas pelas crianças, que sugerem modos autísticos de estar no mundo, bastante diferenciados os quais, passamos a comentar.

Os irmãos de oito anos, Pedro e Paulo, quando mais novos, viveram com os pais em um outro país, onde receberam atenção pedagógica de uma professora particular e da própria mãe. Desse tempo, a mãe exibe de forma orgulhosa os cadernos com a produção dos meninos, demonstrando o sucesso da alfabetização. Uma distância, contudo, expressa um desencontro entre eles. Mesmo quando estão lado a lado, quase nunca emendam a animação de bonecos, carrinhos, pistas e, assim, toda essa vida plástica das brincadeiras, de um e de outro, não chega a se interpenetrar transportando sentidos de uma cena à outra.

Os pequenos revelam uma sensibilidade viva nas transações que realizam entre o mundo dos objetos e das pessoas, queremos dizer que eles não trazem, a exemplo do que observou Melanie Klein (1930), no tratamento do caso Dick, a indiferença e os movimentos descoordenados, que lhe sugeriram que a presença dela não podia ser distinguida dos móveis do consultório. Pedro, por exemplo, desfruta de uma grande capacidade de concentração, envolto na qual desempenha com rara habilidade toda a sua arte para edificar, com peças de plástico de um jogo de montar, construções de elevados e viadutos, suspensos em pilastras igualmente confeccionadas com esmero e precisão. Quase nunca, nas sessões, faz uso da linguagem falada. Eventualmente, faz contato com o olhar e, vez por outra, provocado por alguma atitude ou gesto do terapeuta ou do próprio irmão, desabrocha um largo sorriso, que parece encerrar as delícias de mais uma de suas

construções edificantes. Ele circula com atenção pela sala, colhe o detalhe das formas, examina detidamente, como que a espreita para estabelecer mais um enlace criativo com os objetos. O que sugere, para nós, que esses objetos são apenas a sucessão de estímulos a serem ordenados e dirigidos por uma moção pulsional, que se impõe e se dispõe para a ligação excessiva que não pode cessar nem faltar, mas que se faz a despeito dos próprios objetos que ela busca.

Queremos supor que, no caso de Pedro, uma certa epifania da pulsão sexual nele se opera. Se em Pedro se manifesta o ensimesmamento autístico característico desses quadros, trata-se de supor uma exaltação *da atividade pulsional em si*, em detrimento às qualidades dos objetos. Essa posição parece favorecer as expressões criativas, que ele põe em prática com gestos inadiáveis, como se aquilo que resultasse das ações que desencadeia fosse uma figuração secundária, em face de uma força incessante que é capaz de produzir sentidos para si mesmo, ainda que, distantes, eles possam estar das formações simbólicas.

Diferentemente, seu irmão Paulo corre pela sala, tem particular interesse em gritar e emitir sons. Quando convidado a ler os cadernos trazidos pela mãe o faz, ainda que de forma tímida. Move os carrinhos numa pista pré-montada. Quando o irmão se afasta adota, às vezes, os viadutos erguidos por ele, e nessas pistas realiza a circulação dos seus carros. Paulo não lembra em nada a concentração do irmão. Mas sua preferência torna-se explícita quando se coloca a oportunidade de imitar, com gestos ou emitindo sons, às vezes com gritos mesmo, um comportamento do terapeuta. Quando entra nesse jogo de imitações permanece por algum tempo demonstrando prazer de brincar.

Algo em Paulo sugere que ele não se detém no fluxo da atividade pulsional, o que o torna menos apaziguado e mais dependente dos fluxos do mundo externo. Daí a circulação que o faz passar de um objeto a outro, sem privilegiar as ligações e construções que possam se estabelecer.

Entendemos que toda essa especulação deva ser relativizada, mas não deixa de ter interesse o esforço de estabelecer um contraste na forma como essas duas crianças parecem existir em suas vivências autísticas. Estimulados pela nota de Freud, comentada acima, consideramos pertinente a impressão de que: Paulo encontra a oportunidade de seu ensimesmamento no atributo do objeto, enquanto Pedro o faz pelo atrelamento à virtude da pulsão.

Recorremos, novamente, a Freud para darmos continuidade às reflexões oriundas da vinheta clínica exposta acima. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) apresenta, de forma mais sistematizada, as suas convicções e os seus achados clínicos que corroboram as manifestações da sexualidade infantil. Como *modelo* dessas manifestações, traz o exemplo da atividade de *chuchar* (sugar com deleite) do bebê, que ele descreve com os seguintes detalhes:

Consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. Uma pulsão preênsil surgida ao mesmo tempo pode manifestar-se através de puxadas rítmicas simultâneas do lóbulo da orelha e apoderar-se de uma parte de outra pessoa (em geral, a orelha) para o mesmo fim. O sugar com leite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Não raro, combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou a genitália externa. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação. (p. 169)

Trata-se, no nosso entender, de uma das mais belas descrições, já realizadas, da vida sensível dos bebês. Nela estão contidos todos os elementos que se desdobrarão em conceitos, em torno dos quais se estriba a hipótese central de instalação da pulsão sexual. A repetição rítmica, sem fins nutritivos, que se estende pelas peças, dobras e mucosas do corpo erógeno, e até pode avançar para o corpo contíguo, a um só tempo indistinto e alheio, integra a ação de estabelecer uma geografia sensual, contínua em seus diferentes relevos, na qual se ergue a narcotizante e densa vegetação do prazer sensual. Talvez, não seja possível uma aproximação mais estreita dessa conjunção de sutilezas, do que essa narrativa, quase ficcional, oferecida por Freud.

A exatidão de gestos repetidos e sincronizados nos permite falar de um conluio que conspira a favor da instalação da ‘pulsão’ psíquica. Porque desenhada em linhas tão espantosamente harmônicas e sublimes, não encontra inteligência imediata, quicá nem tardia, na vida sobressaltada dos nossos dias. Quem sabe, a redução da nossa capacidade de se alimentar nessa fonte geradora de vibração sensória e sensual, voltada ao corpo, sem se deixar consumir ou fixar – circular talvez –, justifique a observação do Mestre quanto ao descaso que reservamos à atividade pulsional, em favor da tentativa de se emancipar pela fascinação voltada ao objeto. São referências de Freud à dimensão pulsional irreduzível, ainda que possa estar empanada na contemporaneidade pela acumulação e *mais-valia*, excedentes que esvaziam o corpo erógeno e as expressões criativas da humanidade.

É notável, em Freud, essa fabulosa exaltação da vida interior do homem, e a concepção de uma força constante a que deu o nome de pulsão (*Trieb*), da qual o sujeito não tem como se desembaraçar. Freud (1915) mostra em “Pulsões e destinos da pulsão” a distinção entre o estímulo (*Reiz*) e a pulsão (*Trieb*). O primeiro se caracteriza por partir do mundo externo até alcançar os órgãos do sentido, causa impacto e leva o organismo a responder com uma ação motora, que pode ser a própria fuga do estímulo. Já no caso da pulsão não há fuga possível, pois

se trata de uma força interna que pressiona e não cessa, por isso, promotora dos destinos humanos, como comentado acima. Se retomarmos o exemplo do *chuchar*, veremos que o pequeno ser é convocado por uma *necessidade*, que impede e brota do interior do organismo. Então, já não parece suficiente uma ação muscular, reflexa ou prevista no repertório de ações, para afastar a excitação e o incômodo. Há que se realizar uma ponte para a satisfação. E é nessa ponte, nesse trânsito que se situa a mais tenra idiosincrasia humana – pois aqui o sujeito faz a sua aparição ao se precipitar sobre o organismo.

Agora, pensamos que seria esclarecedor tomar a atividade descrita por Freud (1905) do *chuchar* e examiná-la em relação aos atributos que caracterizam a pulsão, formulados, posteriormente, por Freud (1915) em “Pulsões e destinos da pulsão”, com os seguintes termos: pressão (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*).

Com o termo *pressão*, Freud quer imprimir o sentido de uma força que põe em movimento, aciona, arrasta e exige a realização de um trabalho. Para tanto, faz-se a necessidade de um deslocamento. A atividade de *chuchar* impõe um deslocamento do bebê que mobiliza músculos, excita mucosas e sensibiliza o invólucro corporal. Mas a mobilização de todo esse aparato, por si só, ainda não parece suficiente. Deve haver uma *arte ou artimanha* para se chegar ao *prazer do órgão*. São chupadas rítmicas e repetitivas, que se deslocam e se abrem em diferentes linhas, como a estabelecer uma rede de pulsação que favorece a circulação, coordena e dirige a pressão – *alteração direcionada e específica*, diz Freud na última obra mencionada. Se os lábios ou a língua estão sendo sugados, em fina sincronia seguem-se puxadas rítmicas do lóbulo da orelha, o que pode incluir também, com a outra mão, a apreensão de uma mecha dos cabelos da mãe. Se agora, por esse exercício de imaginação, contemplarmos o resultado plástico do *trabalho* do nosso bebê, não resta a menor dúvida de estarmos diante de uma composição original e inédita, sinfônica numa última expressão. A pressão pulsional exige um trabalho de composição criativa que é, nesse tempo remoto, a insofismável apresentação da vida psíquica sensória do bebê.

Afirma Freud (1915), peremptoriamente: *a meta de uma pulsão é sempre a satisfação* (p. 148). Sim, mas que caminho adotar para se chegar ao apaziguamento da fonte pulsional de estimulação, que quando alcançado se reveste em satisfação? Pois bem, talvez seja esse o aspecto mais intrigante da atividade pulsional. Se voltarmos ao exemplo do bebê, trazido por Freud, resta perguntar o que teria levado nosso protagonista a escolher tal caminho para a exibição de sua satisfação. Sabemos por Freud, que a experiência ao seio da mãe tem destacado valor na impressão mnêmica da vivência de satisfação, pois, nessa função vital de alimentação, a sexualidade se *apóia*. Mas o *texto ou a textura* que resta gravada não é a do seio como objeto total. É a repetitividade do *objeto-seio* dentro

de uma certa ritmicidade que constitui a memória. De tal sorte, a cena do chuchar, descrita por Freud, é uma atividade também (*co*)*memorativa*, que faz *rememorar* para o bebê e para os que estão encarregados de seus cuidados, que resta naquela vida indeterminada e frágil, o desejo de refazer por caminhos absolutamente inovadores, as rotas nostálgicas de uma satisfação. Satisfação que, se por um lado, é a repetição de ritmos e movimentos, por outro, e a rigor, não se repetirá jamais, em todas as seqüências incessantes que advirão, pois toda satisfação é, por excelência, uma satisfação inexoravelmente perdida.

Para o caso do *objeto* da pulsão, Freud (1915) mostra que não existe uma dependência ou relação estreita entre a pulsão e o objeto. Cabe aqui uma certa digressão, para chegarmos a pensar como uma determinada zona do corpo passa a ser *contingente* e propícia à satisfação exigida. No caso paradigmático em foco, o chuchar acabou por se realizar sobre uma zona que, numa experiência anterior, serviu a uma função não sexual e vital para a manutenção do organismo, sendo essa a *teoria do apóio* em Freud (1905):

A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportam-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem a preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. (p. 171)

Ainda que Freud (1905) considere que nesse tempo a criança está enredada na satisfação auto-erótica, o que supõe tomar a superfície da pele, as mucosas, os órgãos como *objeto* (parcial), cabe dizer que desde o início o sujeito não está pré-determinado para as escolhas objetais. A passagem do leite não é uma meta pulsional, mas faz brotar a *sensação prazerosa* na mucosa da boca. Isto é, não parece haver qualquer sentido teleológico nesse processo. Freud (1905), mais à frente, ainda acrescenta:

Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa. A criança chuchadora perscruta seu corpo para sugar alguma parte dele, que depois, por hábito, torna-se a preferida; quando tropeça casualmente numa das partes predestinadas (os mamilos, a genitália), esta decerto retém a preferência. (p.173)

Vale destacar, observação de Freud, que é a *qualidade do estímulo* que tem maior determinação na *produção da sensação prazerosa*. Aqui, se introduz o últi-

mo termo que caracteriza a pulsão sexual: a *fonte*. Quer dizer, a *fonte*, onde se origina a excitação, tem nesse tempo remotíssimo da vida uma determinação sobreja para a instalação da pulsão sexual. Muito maior, nos parece, que a eleição do objeto, que, nessa época, se apresenta difuso e esmaecido. Mas, talvez, seja mesmo essa a feição do objeto em psicanálise, que a todo tempo pode ser substituído pelo deslizamento pulsional. Arriscaríamos dizer que, quando as suas linhas se tornam bem definidas, temos aquilo que Freud denomina como sendo a aderência entre a pulsão e o objeto – fixação. Caso que sinaliza para dificuldades no desenvolvimento libidinal.

Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (Freud, 1905, p. 140)

Tem interesse relevante, para o estudo que realizamos, a cogitação de Freud de que *a origem da pulsão sexual não está vinculada ao objeto*. É bem verdade que estamos falando de um tempo muito inicial da atividade sexual, esse que se refere ao, assim cunhado por Freud (1905/1996), *prazer de órgão*. Aqui, as definições parecem muito próximas umas das outras, é o que teremos oportunidade de mostrar mais à frente ao apresentar a distinção entre o fluir da *tensão prazerosa* e o sentido *disposicional* da pulsão sexual (Hanns, 1999, p. 58). Antes, porém, restam algumas considerações que gostaríamos de acrescentar, referentes a essa cena modelo dos primórdios da sexualidade, que trazemos para esse estudo como sendo o exemplo maior de Freud. Desta feita, vista, nas sutilezas que apresenta, pela ótica de Laplanche (1985). Para ele, sem se afastar de Freud, *a pulsão se apóia no instinto*, se se admite como instinto essa função de conservação da vida. Assim é que um paralelismo pode ser descrito entre um e outro (instinto e pulsão), inclusive em relação a esses fatores que podem, por igual, caracterizar o instinto impresso no estado de fome, por exemplo: acúmulo de tensão (pela pressão), sistema digestivo (a fonte), leite (o objeto) e sucção (a meta).

Ora, o ponto crucial da questão é que, ao mesmo tempo que esse funcionamento alimentar se satisfaz com o alimento, começa a aparecer um processo sexual. Paralelamente à alimentação, há excitação dos lábios e da língua pelo mamilo e pelo fluxo de leite morno. Essa excitação é calcada na função, a tal ponto

que, entre os dois, mal se percebe, de início, uma diferença. O objeto? Parece ser fornecido a nível da função. Pode-se ainda dizer que é o leite? Pode-se dizer que já é o seio? E a fonte? Ela também é determinada pela alimentação, já que os lábios fazem igualmente parte do sistema digestivo. O alvo, também ele, está muito próximo do alvo alimentar. Em suma, objeto, alvo e fonte estão estreitamente contidos numa proposição bem simples que permite descrever o que se passa: “isso entra pela boca”. “Isso”, é o objeto; “entra” é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um “entrar”; “pela boca”: quanto ao nível da fonte, encontra-se a mesma duplicidade, na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão da função alimentar. (Laplanche, 1985, p. 25)

Mas, o momento crucial da narração de Freud, no exemplo do chuchar, está nessa passagem que, para Laplanche (1985), vai da *sucção* ao *chupar* (p. 26). É a possibilidade de realizar essa passagem que inscreve o pequenino ser na vida psíquica.

Como anunciado anteriormente, discutiremos agora a noção de *Lust*. Nas primeiras linhas dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) alerta para a dificuldade de encontrar uma palavra que pudesse significar, no caso da pulsão sexual, aquilo que a palavra fome representa para a pulsão de nutrição. O termo escolhido por Freud – *Lust* – abre, pelo menos, duas vertentes de significação, as quais gostaríamos de seguir valendo-nos da interpretação semântica de Luiz Hanns. Assim, já no começo desse texto psicanalítico *princeps* da sexualidade humana, objeta Freud: “falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra ‘fome’; a ciência vale-se, para isso, de ‘libido’” (p. 128).

Nesse ponto, Freud acrescenta uma nota de rodapé com a seguinte consideração: “lamentavelmente, a única palavra adequada na língua alemã ‘Lust’ [‘prazer’, ‘desejo’], é ambígua e designa tanto a sensação de necessidade quanto a da satisfação” (p. 128).

Um dos problemas sobre os quais se debruça Freud, nesse texto dos “Três ensaios...”, é o de procurar entender como se dão as transformações da vida sexual, expressas nos jogos de prazer/desprazer, desde as atividades mais remotas de um bebê ao chuchar até a conformação genital da sexualidade, observada na puberdade e depois *consolidada* na vida adulta. Assim, Freud se depara com o problema de que a excitação sexual repercute no aparato anímico por uma elevação da tensão sexual, sendo que, toda elevação da tensão supõe o desprazer. Freud também observa que há um inequívoco prazer em toda excitação sexual que prepara para o ato sexual. Conflito que ele formula nos seguintes termos: “Como, então, relacionar essa tensão desprazerosa com esse sentimento de prazer?” (p. 198).

Ora, Freud vai considerar que a estimulação das zonas erógenas, assim como todas as preliminares que excitam e preparam para o ato sexual, têm por efeito um incremento da tensão sexual que, mantida até o ponto de promover e preparar o aparato genital para a consumação do ato sexual, faz nascer e conserva a sensação prazerosa. De tal modo, o *pré-prazer*, assim chamado por Freud, é capaz de encobrir, até certo limite, o desprazer oriundo da estimulação por acumulação de secreções sexuais. Mas se, em algum outro ponto qualquer, o prazer posterior não se realiza, isto é, o prazer de descarga, essa excitação se converte em desprazer.

O termo *Lust*, empregado por Freud, contém essas duas concepções de prazer: a *sensação de necessidade e a de satisfação*. Portanto, Freud utiliza esse termo tanto para se referir ao brotar da excitação quanto para indicar o movimento que busca a satisfação. *Lust* está presente quando se observa o chuchar dos bebês (*Ludeln ou Lutschen*), da mesma forma em que comparece no movimento pulsional de enlaçar um objeto. Supomos ainda, que passar de uma modalidade de prazer à outra impõe fazer recurso ao mecanismo de regulação psíquica que quando falho ou insuficiente faz o aparelho psíquico resvalar para o desprazer ou perturba a constituição dessas dimensões indicadas pelo termo *Lust*.

Freud (1905) reitera, em outro comentário de rodapé dos “Três ensaios...”, a convivência de dois sentidos contidos no termo *Lust*:

É sumamente instrutivo que a língua alemã, no uso da palavra “Lust”, leve em conta o mencionado papel das excitações sexuais preparatórias, que ao mesmo tempo proporcionam uma cota de satisfação e contribuem para a tensão sexual. “Lust” tem um duplo sentido e designa tanto a sensação de tensão sexual (“Ich habe Lust” = “eu gostaria”, “sinto ímpeto de”) quanto o sentimento de satisfação. (p. 201)

Luiz Hanns (1999), no estudo que realiza da teoria pulsional de Freud, examina, à luz de critérios teórico-semânticos, as aplicações e usos de Freud do termo *Lust*. Para ele, o termo se encontra em muitas das principais elaborações freudianas – princípio de prazer (*Lustprinzip*), prazer de órgão (*Organlust*), eu-prazer (*Lustlich*). Para falar das duas vertentes de que trata Freud ele propõe as palavras *desejo e prazer*.

(...) Entretanto, não se trata exatamente de “desejo” e “prazer” nos sentidos habituais destas palavras em português. Pode-se descrever este “desejo” contido em *Lust* como “vontade”, “disposição”, “apetite”, “pique”. O conteúdo de “prazer” do termo *Lust* pode ser descrito como “tensão prazerosa”, “formigamento”. Nesta segunda acepção (tensão prazerosa, formigamento), a palavra *Lust* enfatiza a sensação prazerosa extraída da atividade de um órgão ou zona do corpo, visa a atividade e não o objeto. Refere-se ao processo no seu nascedouro,

quando a sensação prazerosa brota ao nível do corpo, antes ainda da fruição plena do prazer e do gozo (p. 58).

Seguindo as indicações de Freud, já citadas, Hanns considera que tomando o sentido *disposicional e impelente de Lust*, esse passa a ser quase um equivalente da palavra *Trieb* (Pulsão). Porém, distingue-se de *Trieb* quando a ênfase recai sobre o significado de *sensação prazerosa*. Nesse caso, estamos mais próximos daquilo que Freud considera como sendo o *pré-prazer*. Não se supõe uma apoteose do gozo que se faça pela descarga, mas o brotar de estímulos sensórios intransitivos do corpo erógeno, chamado por Freud de *prazer de órgão*. Conforme lembra Hanns (1999), trata-se de um prazer tão imediato que “não exige grande elaboração de representações” (p. 65).

Essa distinção, aparentemente anódina, reveste-se de importância quando consideramos a posição autística, especialmente no sentido que lhe confere Thomas Ogden (1986). Nesse autor, encontramos a formulação da posição autística-contígua, anterior aquelas introduzidas por Melanie Klein, que se constitui pelas superfícies sensórias em contato, que segundo certa ritmicidade resultam num senso de Eu plasmado por sons, cheiros, gestos, toques, fragmentos do encontro com o outro. Isso é o que, no dizer de Ogden, leva àquilo que considera: *o sentimento de um lugar onde se vive*. Esse lugar onde se vive, mantido pela fruição sensória irrepresentável levanta questões de valor metapsicológico que podem ser suscitadas nos seguintes termos: poderíamos especular acerca de vivências de satisfação anteriores mesmo ao auto-erotismo? E por igual, constituidoras do psíquico? Ainda que pertencentes ao universo das sensações e situadas fora do campo das representações?

A propósito dessas diferentes correntes arcaicas de satisfação, enlaçadas ao corpo próprio, Tafuri (2003) descreve o ensimesmamento prazeroso de *Maria*, uma criança autista de três anos. Dando continuidade ao pensamento de Freud sobre a noção de *Lust*, a autora observa a capacidade psíquica da criança de se isolar em sensações prazerosas extraídas da atividade de um órgão ou uma zona do corpo. *Maria* expressa, ao balançar as mãos em frente ao rosto, jogar o corpo para trás e para frente, em ritmo cadenciado, uma ‘experiência de ser’ diferenciada das atividades de correr freneticamente por todos os cantos, derrubar os brinquedos por terra e gritar de forma desesperadora (estes últimos definidos como ensimesmamento vazio e sofrido). Ao olhar fixamente para as suas próprias mãos em movimento, a pequena criança se mostra tranqüila, fechada em si mesma como em uma concha. Essas atividades não são compreendidas pela autora como meras estereotípias, pois se trata de uma possibilidade psíquica de *Maria* de se apaziguar e de obter prazer, no estado de isolamento.

Ainda na seqüência das indagações suscitadas, apresentamos duas vinhetas clínicas do pequeno Guili, uma criança de quatro anos com sintomas autísticos, que na leitura clínica de Abreu (2007) repercute como tributária de um embaraço nesse enlace entre a vida psíquica estética e o circuito pulsional.

Nas primeiras sessões, Guili vem à sala de atendimento acompanhado pelos pais. Às vezes, resiste com energia a entrar na sala. Vencida essa primeira barreira, tantas foram as vezes em que Guili, após uma rápida exploração do ambiente, dirige-se ao caminhão de plástico, coloca-o sobre a mesinha e começa a girar as rodas do mesmo. Ele fixa os olhos no movimento da roda e, por vezes, com o dedo, procura pará-la, o que é acompanhado pelo ruído do seu dedo na roda em movimento. Ocorre também de pegar a mão do terapeuta e levá-la até a roda que está movimentando, sugerindo que impulsionem juntos. Quando a peça da frente do caminhão se desencaixa, ele novamente pega a mão do terapeuta e a conduz como se quisesse restabelecer o encaixe. Depois ele procura o ventilador e passa a girar as palhetas. Volta ao caminhão e, por último, encontra um ábaco de plástico, no qual se atém ao giro das peças. Nos encontros iniciais com o terapeuta, esse se constitui o indefectível circuito por onde transita a vida sensível autogerada por Guili, aderida ao giro das rodas do caminhão, dos carrinhos, do caramujo em forma de carro, das palhetas do ventilador.

Ao longo do tratamento, uma segunda situação clínica se configurou. Estando o terapeuta sentado, Guili procura o colo dele, achegando-se por entre suas pernas. O terapeuta o coloca em seu colo e a criança permanece de costas para ele. Em seguida, começa a realizar um balanço, no qual movimenta suas costas para frente e para trás. Esse balanço é acompanhado por um gesto do terapeuta que aproxima seu rosto das costas da criança. Guili sorri e parece curtir muito essa atividade, o que deixa surpreso o terapeuta. Assim, começam a realizar alternâncias nessa seqüência, de forma que o terapeuta realiza o carinho em suas costas e espera que ele inicie o balanceio, o que faz seguindo um certo ritmo entre a dupla.

Numa outra variação dessa mesma modalidade de experiência o terapeuta descobriu, quase ao acaso, uma atividade de efeito tranquilizador para Guili. Em momentos de grande agitação incontida, o terapeuta recorre à seguinte estratégia: coloca a criança de costas para ele e passa a pressionar com sua boca os braços, pescoço e toda parte superior do corpo da criança. O que o terapeuta faz simula uma mordida. Guili se concentra nessa atividade tal qual em êxtase, seus olhos quase chegam a revirar, como se estivesse envolto num grande prazer. Ele oferece os braços para que o terapeuta continue nessa atividade e, assim, por esse tempo, parece encontrar uma satisfação apaziguadora. Em verdade, essa atividade foi deduzida da ação de morder de Guili e da iniciativa de introduzir sua mão na

boca do terapeuta, o que este último acabava por repetir em relação à boca da criança.

A satisfação – *Lust* – que o bebê encontra na amamentação ou no *chuchar*, e que Guili, por seu turno, retoma na sua adesão, às vezes repetitiva, aos objetos em movimento, às vezes inédita, nesses encontros corporais, ressalta a capacidade e necessidade de integração e ritmo dessas sensações quando a satisfação começa a se esboçar nessas composições criativas, o que nos leva a refletir sobre o acontecer psíquico.

Os jogos do *balanceio e de pressão com a boca do terapeuta sobre o corpo da criança* revelam, na leitura que fazemos, vivências um tanto quanto distintas, sutis, daquelas mencionada por primeiro, nas quais Guili está concentrado na atividade exclusiva de girar as rodas de um caminhão.

Cabe dizer que convivem nessas passagens as duas correntes de sentido referidas a pouco ao termo *Lust*: a primeira sinaliza o brotar da excitação, a tensão prazerosa, o foco voltado mais à atividade do que ao objeto, a ênfase na atividade pulsional em si; já a segunda revela o sentido disposicional e impelente, a vontade, o desejo, o móvel ao encontro do objeto de satisfação. No primeiro sentido, a vida psíquica se destaca nas tramas de sensação que se produzem nas superfícies de contato de corpos e objetos, sugere ser eminentemente estética e anterior mesmo ao auto-erotismo ou a entrada efetiva no circuito pulsional, esse último melhor caracterizado pelo segundo sentido.

A atividade de Guili de girar rodas ou de compor com o seu próprio corpo e outros objetos uma superfície de circulação do sensível é o que consideramos o protótipo da *satisfação autística*, que melhor se ajusta ao primeiro sentido do termo *Lust*. Agora, quando consideramos os jogos do *balanceio e de pressão com a boca do terapeuta sobre o corpo da criança*, a diferença sutil reside no fato de que nesses já se avizinha um jogo libidinal, que inclui o outro como presença, senão totalmente viva, com partes vivas, de onde se deduz um certo protagonismo. Chama atenção a forma como Guili ajusta seu corpo ao do terapeuta, o movimento dos olhos em êxtase e um certo oferecimento do seu corpo como se fora um objeto de prazer a ser manipulado pelo outro. Nesse caso, algo sugere que Guili já se desloca nesse umbral do circuito auto-erótico, que ainda não se mostra efetivo e contínuo, mas que aceita parcelas do outro para compor e se dispor à satisfação, quadro que propomos aproximar do segundo sentido do termo *Lust*.

Radicalmente diferente daqueles que só vêem nesses exemplos estereotipia vazia, aberração e exceção, nós nos perfilamos entre aqueles outros que qualificam muitas dessas experiências como uma capacidade indispensável para a constituição psíquica. Quer dizer, aqui, cabe mais uma vez a velha lição freudiana de que o psicopatológico ressalta uma função ou uma atividade psíquica presidida pelas mesmas leis que regem a, assim nomeada, atividade normal.

No primeiríssimo tempo de vida, é desse mecanismo de regulação psíquica – nos contatos com o outro, ambiente materno e de cuidados do pequenino ser, entre fechamentos autísticos e aberturas, mantidos por ritmos e modulações sensoriais – que brota a força pulsional e a organização auto-erótica.

No início, os sons e gestos dos bebês podem ter uma feição estereotipada, quando a vida psíquica vai se regulando e se formando nessas experimentações originárias do corpo-sensação, que permitem o exercício de reviver sensações prazerosas na ausência do objeto. No decorrer do tempo, essa vida sensível é regulada na relação com o outro, e, mais tarde, organizada nas parcelas auto-eróticas, quando o bebê reconhece parcelas prazerosas do corpo, antes, porém, a prevalência estava na sensação prazerosa.

É provável que tal regulação psíquica, no caso do autismo, seja sofrível e fugidia, sofra nos basculamentos abruptos de um estado a outro, do impulso externo ao interno, do estímulo à pulsão. Aderida à sensação a criança se vê impossibilitada de prosseguir para uma integração satisfatória do próprio corpo. Porém, o sintoma da criança não deixa de ser um *signo* de vida criativa, pelo menos, é como interpretamos o que temos apresentado dos encontros com essas crianças ensimesmadas. Agora, da parte daquele que cuida, do terapeuta, acreditar que a semiologia autística repousa nessa dimensão estética, que faz acontecer a trama psíquica; colher com sensibilidade essa produção da criança, favorece a re colocação em cena do desejo que, vindo do outro, possa fazê-la marcada, erotizada e, portanto, passível de se desprender da ligação preferencial pelos *objetos-sensação* (Tustin, 1984). Se tal conjunto de sintomas elicia a estranheza e o horror do outro, os mesmos olhos, quem sabe irrigados pelas correntes da *boa forma*, possam apreciar tal estilística, que quando qualificada pela presença do outro, renova a chance de restituir a dimensão irrepresentável não só da criança em tratamento, mas de todo aquele que se arrisca a reeditar em si os despenhadeiros imponderáveis e a tragicidade da *loucura do sensível*.

Referências

ABREU, I. G. H. *Origens autísticas do psíquico: tramas de sensações e pulsações*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) Universidade de Brasília.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7, p. 119-229.

_____. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção geral de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1, p. 133-173.

_____. (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Ansiedade e vida instintual. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22, p. 85-112.

HANNS, L. A. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

KLEIN, M. (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Cap. 12, p. 249-264.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Tradução de Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

OGDEN, T. *The matrix of the mind: objects relations and the psychoanalytic dialogue*. Northvale: Jason Aronson, 1986.

TAFURI, M. I. *Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista*. Brasília: ABRAFIPP, 2003

TUSTIN, F. (1981). *Estados autísticos em crianças*. Tradução de Joseti Marques Xisto. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

Resumos

El concepto freudiano de pulsión resalta sus matices cuando se confronta con la clínica psicoanalítica de niños autistas. La noción de Lust, que se deriva de ese concepto, es enfocada para tratar de los orígenes arcaicos de la sexualidad infantil y de su repercusión en el aparato psíquico. Son presentadas viñetas de la clínica con esos niños para enfocar, por un lado, el ensimismamiento autístico como una exaltación de la actividad pulsional en si misma, resaltando el echar de la excitación, y el foco volvido a la actividad, en perjuicio de las calidades de los objetos; y por otro, el sentido disposicional e impelente, la voluntad, el deseo, el mueble al encuentro del objeto de satisfacción. En torno de esos casos, se comenta la hipótesis central de instalación de la pulsión sexual, sirviéndose para eso de la observación paradigmática de Freud de la vida sensible de un bebé, donde se constata la repetición rítmica, sin fines nutritivos, que se extiende por las piezas, pliegues y mucosas del cuerpo erógeno, y que aun puede avanzar para el cuerpo contiguo, a uno solo tiempo indistinto y ajeno, integrando la geografía sensual, continua en sus diferentes relieves. Los autores

concluyen por la importancia de calificarse la dimensión estética que reposa en los signos de la vida autística y que posee fundamento en el suceder de la contextura psíquica.

Palabras claves: autismo, pulsión, sexualidad infantil, aparato psíquico

La clinique psychanalytique des enfants autistes confirme les nuances du concept freudien de la pulsion. La notion de Lust, du ce concept est basé sur le traitement des originnes archaïques de la sexualité infantile et de la repercussion de l'appareil psychique. Nous présenterons des exemples cliniques avec ces enfants pour cibler, d'un côté, autistique comme une exaltation de l'activité pulsionale en soi, souligne l'éclosion de l'excitation et le retour à l'activité, en detriments des qualités des objects; d'un l'autre côté, on trouve le sens disposicionele et animé, la volonté, le désir, la mobileté de l'encontre de l'object de satisfaction. Autor de ces cas, nous commenterons l'hypotese centrale de l'instalations de la pulsion sexuelle, en utilisant l'observation paradgmaticque de Freud, de la sensibilité d'un bébé, ou l'on trouve la repetition rythmique, sans fins nutritive, que s'entend sur les parties du corps, les muqueuses du corps érogènes. Les auteurs en concluent par l'importance de qualifier la dimention esthétique qui s'assoit sur des signes de vie autistique et a un foundement sur la venue du trame psychique.

Mots clés: Autisme, pulsion, sexualité infantile, appareil psychique

The Freudian concept of drive rebounds its matrixes when confronted with the psychoanalytic clinic of the autistic children. The notion of Lust that derives from this concept is focused to treat the archaic origins of the infantile sexuality and from its repercussion in the psychic apparatus. There are presented vignettes from the clinic with those children to focus, on one side, the autistic coming inside him/herself as an exalting of the driving activity itself, rebounding the germinating of the excitation and the focus aimed to the activity to the detriment of the qualities of the objects; and on the other side, the appositional and impellent sense, the will, the desire, the movable towards the object of satisfaction. Around those cases, it is commented the central installation hypothesis of the sexual drive, using the paradigmatic observation of Freud of the sensible life of a baby, where it is established the rhythmic repetition, without nourishment matters, that extends itself by pieces, bends and mucosa of the erogenous body and that can even advance to the contiguous body, in only one time indistinct and strange, integrating the sensual geography, continued in its different relief. The authors concluded by the importance of qualifying the esthetic dimension that lays in the signs of the autistic life and that has fundament in the happening of the psychic plot.

Key words: Autism, drive, infantile sexuality, psychic apparatus

Citação/Citation: Abreu, I. G. H. e Tafuri, M. I. Pulsão é virtude que faz acontecer o ser, sem jamais ser. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 69-86, maio de 2009.

Editor do artigo/Editors: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro e Profa. Dra. Junia de Vilhena

Recebido/Received: 10.2.2009/2.10.2009 **Aceito/Accepted:** 27.4.2009/4.27.2009

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/ this is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited

Financiamento: Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados/The authors have no support of funding to report.

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesse/The authors declares that they have no conflict of interest

IVAN GUILHERME HAMOUCHE ABREU

Psicólogo clínico, doutorando do Programa de Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB e pesquisador do Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise do Instituto de Psicologia da UnB.

QRSW 03 Bloco B7 Apto 306 Brasília. DF

70675-327 Brasília, DF, Brasil

Fone: (61) 3344-1334 / (61) 9970-2376

E-mail: ivanguilherme@unb.br

MARIA IZABEL TAFURI

Doutora em Psicologia Clínica, Professora Adjunta de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), coordenadora do Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise do Instituto de Psicologia da UnB.

SHIN QL 15 Conj. 9 Casa 18

71535-295 Brasília, DF, Brasil

Fone: (61) 3368-3689 / (61) 8430-7878

e-mail: mitafuri@unb.br